

HISTÓRIA, HISTÓRIAS: A RECUPERAÇÃO DO PASSADO EM PSICOTERAPIA JUNGUIANA

Dr. Walter Boechat¹

RESUMO: O artigo aborda a questão da história, a história, passado, tempo e imagem em psicoterapia junguiana. O autor discorre sobre a experiência do tempo e da história nas religiões orientais e sociedades tribais contrapondo-as com a vivência do tempo linear da cultura judaico-cristã. Esse tipo de experiência é contraposto com a experiência do inconsciente, suas histórias e histórias e símbolos arquetípicos.

Palavras-chave: Memória; Tempo circular e linear; Ritual; Arquétipo; Inconsciente coletivo

A abordagem da questão da história em psicoterapia junguiana é feita nesse trabalho sobre três aspectos:

1. As relações entre tempo e história,
2. A concepção do tempo e a cultura.
3. O conceito de plasticidade do passado e de sua mutabilidade.
4. O tempo e história em psicoterapia do inconsciente manifestando-se em eventos arquetípicos pessoais, únicos, e ao mesmo tempo, universais.

Em primeiro lugar as relações entre tempo e história: a vivência do tempo varia enormemente no decorrer das épocas. O homem da antiguidade e das sociedades tribais vivencia o tempo como se fosse circular, o historiador de religiões Mircea Eliade denomina essa percepção circular do tempo como o *mito do eterno retorno*. (Eliade, 1991). A visão de circularidade da história também impera entre as religiões orientais, hinduísmo e Budismo. A imagem da roda do *sansara*, suas ilusões e as cadeias do *karma*, são temas centrais nessas tradições. Alcança a libertação quem se diferencia do

¹Walter BOECHAT

Médico, Diplomado pelo Instituto C.G.Jung Zurich, Suíça, Doutor em saúde coletiva pelo Instituto de Medicina Social / UERJ, Membro-Fundador e Ex-Presidente da Associação Junguiana do Brasil- AJB, Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Junguiana do IBMR/RJ. Autor: *A Mitopoese da Psique: Mito e Individuação*. Ed. Vozes, 2008
CONTATO: walter.boechat@gmail.com

movimento circular da roda, movendo-se da periferia para seu eixo central. Quando esse processo acontece, o Iogue não mais se identifica com a transitoriedade da experiência sensorial, mas pode contemplá-las de uma posição central sem apego.

O tempo como vivência linear com um passado presente e futuro em seqüência ordenada é instaurado pelas religiões monoteístas na história. O mito judaico espera o messias para o final dos tempos, o cristianismo percebe também a existência de um Cristo histórico, situado no tempo profano, devendo retornar no final dos tempos, para uma *apokatástasis* (restauração) final. O universo se ordena dentro do tempo e do espaço para a consciência. De forma geral, na cultura ocidental, o tempo é percebido como um fluxo contínuo de eventos desdobrando-se sem cessar do passado para o futuro. O tempo irá aparecer para o homem contemporâneo com esse fluir contínuo. O devir de Heráclito para todo o universo é uma representação desse fluir contínuo, esse rio interminável que nunca é o mesmo e organiza nossa percepção da realidade. Mas devemos sempre lembrar que essa forma de percepção da realidade temporal é um condicionamento cultural e histórico. Desde quando Kant afirmou que o espaço-tempo é uma construção da consciência, uma forma de apreensão da realidade, o homem ocidental passou a questionar as formas de percepção do tempo e da história. As concepções da mecânica quântica acabaram por desconstruir nossas crenças sobre a realidade imutável do tempo.

Embora as religiões orientais bem como as sociedades tribais mantenham a tradição de um tempo circular pela qual o tempo das origens volta a ocorrer no futuro, as concepções do tempo variam de cultura para cultura. Os índios Hopi do Canadá vivenciam o passado como sendo *o mundo interno* das pessoas. Tudo o que existe à volta de cada um, todo o universo manifestado, todas as coisas materiais pertencem ao futuro. O presente domina uma sutil linha não definível entre o mundo interior e o exterior, entre o passado e o devir.²

De modo geral em culturas tribais, onde o mito ocupa posição axial na ordenação cultural e na percepção da realidade, existe um tempo exemplar, que tem seus inícios no mais longínquo dos passados, um brumoso amanhecer de todas as coisas, *o illud tempus* onde o Herói mítico realiza ações exemplares pelas quais o homem do presente deverá pautar toda sua conduta e procedimento. Essas ações míticas exemplares repetem-se no presente pelo ritual mítico, que tem a função central de reatualizar no aqui e agora esses modelos exemplares do passado nebuloso ideal. As ações

² Para a concepção original dos Hopi sobre o tempo vide: M.-L. Von Franz: *Time, Rythm and Reponse*.

modelares do passado são assim re-atualizadas e o tempo profano deixar de existir; Pelo ritual a comunidade mergulha no tempo sagrado do aqui e agora.

Já em psicoterapia do inconsciente percebemos que a realidade temporal sofre diversas modificações, contrações, expansões sínteses e diversas outras alterações. Essas alterações são bem determinadas nos sonhos, fantasias e estados alterados de consciência. O tempo do inconsciente tem uma realidade inteiramente diferente do tempo da consciência. Também a vivência das experiências passadas adquire um caráter muito especial. Há uma autêntica *plasticidade do passado*: juntamente com a vivência do tempo como um fluxo contínuo há a convenção contemporânea, ilusória, que as vivências ocorridas no passado são imutáveis. Deveríamos viver consolados de que essas experiências são inalteráveis, quando boas ou ruins terão grande influência em nosso destino. Ao contrário, muitos defendem a opinião de que o passado histórico não é fixo, mas uma construção da percepção que temos dele.³ Faz parte da análise do inconsciente entrar em contato com esse passado e construí-lo a cada consulta, a cada tempo que passa. Esse é o problema central do tempo em psicoterapia junguiana e poderíamos dizer, em qualquer psicoterapia do inconsciente: a desconstrução da história e a construção de uma nova história a cada consulta. Como o deus indiano *Shiva Nataraja*, o dançarino, que destrói e reconstrói mundos a cada movimento de sua dança, a cada pequeno gesto de seu corpo, assim também é a realidade vivida pelo paciente: a cada consulta, ela é destruída e reconstruída por uma nova perspectiva, uma nova abordagem de fatos passados que são fixos apenas em sua aparência, mas móveis em sua essência, alterados por cada nova perspectiva que se tem deles.

Essa uma das particularidades mais típicas das histórias que se constroem em psicoterapia do inconsciente. Freud postulou o conceito do recalque de memórias passadas e uma das principais armas do processo analítico é o processo de *reconstrução da história* do paciente para que essas memórias esquecidas e recalçadas sejam novamente assimiladas pela consciência. Entretanto esse processo nunca é literalmente a reconstrução linear de memórias e experiências esquecidas como na anamnese médica clássica, mas um processo inteiramente novo a partir de experiências passadas que irão aparecer sempre com roupagens novas, com intermináveis roupagens e aparências, como um Proteu que emerge dos oceanos em muitas formas.

³ Michel de Certeau analisa questões da impossibilidade de um passado fixo em: *A escrita da história*, 1982.

Michel de Certeau defende a realidade ilusória de um passado fixo, propondo em vez disso, um passado maleável. Segundo nos explica Certeau (1982):

A atividade que produz sentido e que instaura uma inteligibilidade do passado é também o sintoma de uma atividade sofrida, o resultado de acontecimentos e de estruturas que ela transforma em objetos pensáveis, a representação de uma gênese organizadora que lhe escapa. (Certeau, 1982, p. 54)

Acreditamos que Certeau, quando faz esta afirmação, está nos dizendo que quando tentamos trazer sentido para o passado, na realidade podemos estar criando uma realidade à qual chamamos passado, podemos estar até exprimindo a posição de uma geração, que se colocou diferente da geração anterior.

Eu não sou isto... Eu sou outra coisa além daquilo que quero, e sou determinado por aquilo que denego. (p.56)

Na psicoterapia junguiana questiona-se de forma mais profunda e radical a volta ao passado literal. Hillman considerada uma diferenciação entre *anamnésis* e uma *epistrophé* ao passado (Hillman, 1975). A anamnese é um resgate de eventos passados em sua forma literal, dentro do modelo médico tradicional. A *epistrophé* para ser entendida em seus próprios termos teríamos que remontar a Platão e a Plotino: é um retorno às formas básicas essenciais da origem de cada um. Esse retorno às origens (*epistrophé*) refere-se a uma retomada de formas originais da mônada identitária de cada um, transcendendo à simples história literal aparente. Só através da vivência desse retorno podemos vivenciar um novo começo.

Hillman (1975) propõe como modelo de história em psicoterapia, ou modelo de *epistrophé* a permanência do desmemoriado Ulisses na ilha da ninfa Calypso. À medida que recobra sua memória, Ulisses vai lembrando todo o histórico de sua viagem depois da conquista de Tróia até aquele momento. A narrativa recontada por Ulisses compõe grande parte dos acontecimentos da Odisséia, um livro de retorno, de um *nostós*, à sua terra natal Itaca. A *epistrophé* é esse movimento de retorno, um recobrar da memória arquetípica, ancestral.

O *setting* analítico deverá preparar-se adequadamente para proporcionar essa *epistrophé* mítica. Esse processo requer um verdadeiro ritual. Retomamos aqui o que dissemos acima sobre o papel do ritual nas sociedades tradicionais: o ritual, preciso em todos os seus detalhes, condiciona a repetição de forma rigorosa dos atos exemplares executados pelos deuses no tempo primordial, *o illud tempus*. Em psicoterapia do inconsciente o *setting* terapêutico serve de enquadre para um ritual sempre a ser repetido: a hora e o local das sessões sempre as mesmas, a duração da sessão e as normas devem sempre ser obedecidas com rigor. É nossa observação que quanto mais

regredido o paciente, mais mergulhado no oceano inconsciente, mais ele sente a importância do enquadre rigoroso: esse paciente será sensível a uma pequena mudança na decoração; um móvel ou objeto do *setting* fora de lugar terá um sentido de uma catástrofe que afetará toda a ordem do universo. O ritual não poderá acontecer, a repetição do ato exemplar não tomará lugar, o mito central da transformação psicológica não poderá ocorrer. E qual é, em nosso entendimento, esse mito? É o mito da morte e renascimento ao terceiro dia, a morte da personalidade antiga e o renascimento de uma nova atitude para o mundo e as coisas. Esse evento mítico ahistórico e ancestral é revivido em sua essencialidade em toda análise terapêutica bem sucedida. Caso não ocorra esse mito dentro do ritual do enquadre analítico, não há análise. O paciente sempre reluta muito em morrer, pois essa é a parte mais difícil do processo terapêutico. Há sempre uma parte do paciente que deseja vir à análise, outra que, defendida, se recusa a entrar no processo. Há atrasos, alegam-se motivos vários para interromper a análise, falta de tempo ou de dinheiro são os mais comuns, resistências inconscientes se estruturam para se fugir à difícil experiência de morte.

A experiência da reconstrução da história em análise tem caráter do mitológico universal e é ao mesmo tempo individual em sua essência. Certa paciente vivia momentos repetidos de depressão, auto-agressão e afastamento da realidade. Sua memória pessoal trouxe imagens de figuras parentais extremamente ausentes, um pai por demais agressivo, uma mãe estranhamente deprimida e distante. Revivendo esse passado pessoal remoto, teve uma série de sonhos nos quais os motivos da pele, revestimento corporal e cobertura se repetiam. Em um deles encontra-se com caçador em região selvagem, próxima a uma gruta. Acompanha o estranho caçador um cão semelhante a um lobo, revestido de peles vistosas. A sonhadora sente forte amizade pelo caçador e pelo animal, sente-se protegida e ajudada por eles. Associando em torno dessas imagens e sentimentos, relatou ser um dos contos de fada que mais a fascinaram o conto conhecido como “Pele de Asno”, registrado por Perrault. Os irmãos Grimm também registraram de forma independente esse conto, sob outro nome: *Allerleirauh*, que em alemão antigo quer dizer: “aquela coberta com diversos tipos de pele”. Na estória, a heroína, para fugir de ataques incestuosos do pai, refugia-se no tronco de árvore no interior da floresta. Disfarça-se com as peles de animais da floresta.

Relatou ainda, que em seus momentos de maior ansiedade, sentia uma estranha compulsão em vestir roupas íntimas de sua mãe, dormir com roupas dela e tomar banho com restos de sabonete usados por ela.

O simbolismo da pele é bastante extenso em seus significantes de comunicação, (através dos poros, fâneros e órgãos sensoriais) proteção e separação do eu e do não-eu, elemento essencial de identidade. Perturbações na construção de uma pele psíquica - Didieu (1989) a chamou de *Ëu-Pele* - parecem ter afetado a paciente e sua memória traz experiências primordiais, não passíveis de uma recordação literal, sob a forma de símbolos oníricos. Suas associações revelam ainda que seus mecanismos defensivos a levam a procurar a *enérgeia* (energia primordial) da Grande deusa-mãe em vestígios maternos, em seus sabonetes e vestes. É tarefa da análise revestir a paciente de novas roupagens e peles que sua mãe não soube ou conseguiu dar. Pela memória mitológica, a paciente mergulhou em suas experiências arcaicas e pode revestir-se gradualmente de novas peles protetoras, novos revestimentos para a sobrevivência no mundo cotidiano. Gradualmente a paciente passou a ter vida social mais diferenciada com novos relacionamentos, iniciando mesmo uma nova atividade profissional. Estava agora mais contida, mais protegida e adequada em suas novas peles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANZIEU, Didieu- (1989) *O Eu-pele*. S. Paulo: Casa do Psicólogo.
- CERTAUX, Michel de- (1982) *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense.
- ELIADE, Mircea. (1961) *Mitos, sueños y misterios*. Buenos Aires: Fabril Editora.
- _____ (1991) *Mito e Realidade*. S. Paulo: Perspectiva., 3a ed.
- GRIMM, Jacob and GRIMM, Wilhelm- (2003) *Grimms classics*. Nova Iorque: Barnes & Nobles classics.
- HILLMAN, James.(1975) *The nostalgia of the Puer Aeternus* IN: Hillman, J. Loose Ends. Dallas: Spring publications.
- VON FRANZ, M.-Louise – (1978) *Time, rhythm and repose*. London: Thames and Hudson.